

CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS FRENTE A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

ROSA, Gabriela Vidoto Gonçalves;¹ MAIRENO, Daniel Polimeni.²

Palavras-chave: Relacionamentos abusivos. Mulheres. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que há muitas mulheres que vivem e insistem permanecer em relacionamentos abusivos, e esse conceito de relação afeta as suas realidades cotidianas em diversos aspectos. As motivações podem ser inúmeras e podem estar diretamente ligadas à sua constituição enquanto um sujeito, uma vez que a história desse é atravessada por uma série de acontecimentos. Atualmente, o assunto voltado a mulher em relacionamentos abusivos tem ganhado grande espaço nos diversos meios de comunicação, como televisão, jornais, revistas, rádios, redes sociais, entre outros, os quais trazem grandes reflexões e questionamentos acerca da saúde física e principalmente psicológica das mesmas. Trazer esse tema em discussão pautado na teoria psicanalítica como um assunto substancial para a consciência coletiva e individual, é de extrema importância para proporcionar à sociedade uma visão mais ampla sobre as possíveis motivações da permanência dessas mulheres em condições impróprias, a fim de buscar melhores formas de ajudá-las através de um olhar e uma escuta subjetiva para cada história.

OBJETIVO GERAL

A partir da perspectiva psicanalítica, o presente trabalho teve como objetivo geral realizar um estudo bibliográfico acerca de possíveis compreensões sobre como a mulher, marcada pela sua história, busca e permanece com pares que abusam da sua condição física e psicológica, se enquadrando em um relacionamento abusivo.

¹ Gabriela Vidoto Gonçalves Rosa. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2022. Contato: gabrielavidoto1@gmail.com

² Daniel Polimeni Maireno. Orientador da pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2022. Contato: dpmfap@gmail.com

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever como ocorre a constituição feminina segundo a Psicanálise.

Compreender como a distinção entre a mulher e o homem pode determinar a busca pelos seus pares - com o enfoque no relacionamento abusivo.

Localizar possíveis fatores que podem influenciar uma mulher a não mudar de posição perante situações de violência.

Indicar pontos importantes a serem observados ao manejar uma situação com vítimas de relacionamentos abusivos.

MÉTODO

Segundo Marconi e Lakatos (2003), as pesquisas bibliográficas são pesquisas advindas de materiais já publicados sobre o assunto escolhido e servem de base para o planejamento e desenvolvimento de um trabalho científico. Desta forma, o presente trabalho foi realizado a partir desse modelo, e os principais meios de pesquisas foram a partir de trabalhos acadêmicos e artigos publicados nas plataformas Google Acadêmico, SciElo – Brasil, entre outros locais que fornecem materiais bibliográficos online.

DESENVOLVIMENTO

A partir das informações obtidas ao decorrer da pesquisa, pôde-se verificar que embora não exista um padrão de vida e de acontecimentos para que as mulheres vítimas de violência de seus parceiros se submeta e permaneça nessa condição, é visto que o percurso de vida destas deve ser levado em consideração, pois quando Násio (2017), apresenta que um dos momentos da vida de um sujeito diz respeito a uma marca no narcisismo do mesmo, ele passa a tentar satisfazer as exigências das representações culturais e sociais que são impostos e transmitidos pelos pais – as do ideal do eu, que perdura por toda a vida, e assim como Lima (2010) traz, um relacionamento conjugal é atravessado por condições conscientes e inconscientes dos membros, advindas de suas experiências com as figuras primordiais da vida de cada um. É visto também que diante deste contexto de violência, a constituição feminina é um ponto muito importante a ser observado tendo em vista que Riguini e Marcos (2018) apontam que o gozo da mulher é vinculado apenas uma parte do falo, e a outra parte não pode ser localizada, fazendo com que o homem, que possui seu gozo voltado inteiramente ao falo, esteja em uma posição de completude.

Perante isso, Naves (2014) afirma que essas mulheres são colocadas um lugar de passividade e aceitam toda a humilhação e agressão sofrida pelo parceiro, isso porque conforme Souza (2011) apud Silva, Alves e Reis (2020), essas manifestações de ódio podem ser confundidas com o amor. Além disso, Naves (2014) enfatiza que é percebido nessas vítimas um sentimento muito grande de culpa e um eu empobrecido, onde o seu desejo passa a ser uma manifestação das suas pulsões que foram originadas na falha da constituição imaginária no processo de ausência narcísica, fazendo com que a mesma fique incapacitada de refletir sobre sua realidade atual.

Lima (2010) enfatiza que diante das configurações de relacionamentos amorosos, é importante que os conceitos de projeção e identificação sejam abordados, onde a projeção pode ser definida por Laplanche e Pontalis (1991) como um mecanismo de defesa utilizada pelo sujeito para atribuir num outro sujeito ou objeto aquilo que rejeita dele mesmo, mas que não lhe é perceptível e a identificação se trata de quando algum aspecto do outro se torna um modelo para que o sujeito se assimile ou se transforme totalmente ou parcialmente nele. Em vista disso, é possível verificar a presença de aspectos de violência nessas relações, onde também sofre a influência do que o sujeito projeta no outro e também do que lhe foi prestado enquanto modelo de identificação.

Não existe um padrão de perfil para essas vítimas, isto é, qualquer mulher pode vir a sofrer nesse cenário, levando em conta que as condições psíquicas desses pares podem se complementarem e assim se conectarem, condição essa que é frágil e marcada por todo um processo de experiências. (HIRIGOYEN, 2006 apud LIMA, 2010). Então, é possível dizer que esse contexto pode ser ocasionado devido a fixações dessas mulheres em situações traumáticas vivenciadas no seu passado. Freud (1914/2017) pontua que por vezes não é possível recordar vivências advindas da infância, devido a mecanismos de defesas, ou seja, o sujeito não se lembra daquilo que foi recalçado, mas ele passa a atuar de acordo com esse conteúdo. Sendo assim, atuar é seu jeito de lembrar. No entanto, vale ressaltar que a repetição nunca é igual ao cenário original, uma vez que é impossível reviver igualmente aquilo que já foi experienciado. Lacan traz que existe uma repetição, nomeada “automaton”, que se refere a momentos anteriores que marcaram a história do sujeito cuja é simbólica e que se aproxima do original, onde ao decorrer de sua vida, o mesmo é constituído e guiado por este viés: de repetição. (LACAN, 1964 apud ROUDINESCO; PLON, 1998). Logo, essas questões que fogem a consciência, prejudica o processo de elaboração

psíquica pois a repetição vem com um sentimento de “novidade”, e o sujeito acaba não percebendo a dimensão da situação. (MACEDO, WERLANG, 2007 apud LIMA, 2010).

Pode-se verificar também que assim como Miranda e Ramos (2014), esse tipo de violência tem vários lados – sociais, econômicos, psicológicos, etc. Embora nenhum justifique e atenuar a responsabilidade do agressor, faz-se necessário que o estudo desse fenômeno possa ser realizado de uma maneira para além do que os olhos possam ver, pois cada caso há um leque gigantesco de possibilidades para serem exploradas e assim buscar uma possível compreensão. Portanto, o reconhecimento da história de vida dessas mulheres em suas diversas dimensões é realmente muito importante, e para além, o reconhecimento da existência do inconsciente como uma das bases para suas variadas escolhas de vida, especificamente, dos seus pares amorosos, contribui para esta problemática de cunho social. Logo, de acordo com Silva, Alves e Reis (2020), é essencial que a vítima seja orientada e conduzida por profissionais a trabalhar com “a sua própria identidade; a rigidez da vítima; a autoestima; a não vitimização; levar a paciente a reflexão dos seus pensamentos e ajudar a resgatar suas vontades e desejos que se perderam durante o relacionamento violento.” (p. 13)

CONCLUSÃO

Em virtude das perspectivas mencionadas, conclui-se que mulheres que permanecem em relacionamentos abusivos possuem uma série de lados que podem ser explorados para uma compreensão acerca disso. Esses aspectos são compostos de forma subjetiva, o que torna cada caso único, tais como: a forma que a sua sexualidade foi constituída, história e perspectiva de vida, percepção que tem de si e até mesmo do seu parceiro, contexto social e econômico que fora vivenciado em determinadas etapas da vida e também da vida atual, entre outros. Ademais, entende-se que de fato não existe um único caminho ou até mesmo um padrão de perfil e histórias os quais possam contribuir ou não para esses acontecimentos. Infelizmente, existe uma imprevisibilidade, no entanto, é muito importante que informações acerca desses abusos sejam levadas ao maior número de pessoas para o alcance de uma consciência coletiva, e assim atenuar e prevenir agravamentos. A participação da comunidade e de pessoas próximas é muito importante também para que a vítima reconheça que a culpa não é dela, e que há meios de denúncias através da delegacia

da mulher, e também instituições que fornecem acolhimento a pessoas nessas situações. Para mais, uma outra maneira de trabalhar com essas questões, é fazer com que a vítima elabore seus conteúdos traumáticos a fim de atingir uma nova realidade psíquica, resgatando a sua posição enquanto sujeito, e assim mudar as suas perspectivas e relacionamentos consigo e com os outros.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 12 – Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos, 1914-1916**: introdução ao narcisismo. 12. ed. Companhia das Letras, 1914. Tradução de Paulo César de Souza.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise (P. Tamen, trad.)**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

LIMA, Gabriela Quadros de. **História de vida e escolha conjugal em mulheres que sofrem violência doméstica**. 2010. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; RAMOS, Juliana Souza. “Uma mulher é espancada”: a violência doméstica contra a mulher a luz da psicanálise. **Ecos- Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 35-49, 2014.

NASIO, J.-D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

NAVES, Emilse Terezinha. A mulher e a violência. Uma devastação subjetiva. **Revista Subjetividades**, v. 14, n. 3, p. 453-462, 2014.

RIGUINI, R. D.; MARCOS, C. M. (2018). **Cinco Notas Sobre O Feminicídio A Partir Da Psicanálise**. Revista Subjetividades, 18 (Esp.), 1-12

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Dicionário de psicanálise, trad. **Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, 1998.

SILVA, Gabrielle NT; ALVES, Lays Lorayne G.; REIS, Fernando FS. **A violência contra a mulher: Uma visão psicanalítica sobre o feminino**. Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica. 2020.